

# ELEVAÇÃO E ABAIXAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS NO DIALETO DO RIO DE JANEIRO<sup>1</sup>

DINAH CALLOU  
YONNE LEITE  
LILIAN COUTINHO

## 1 - INTRODUÇÃO

A presente comunicação resume os resultados da pesquisa sobre as vogais pretônicas realizada com a finalidade de delimitar a ação da regra de harmonização vocálica no âmbito do Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro.

A metodologia usada foi a da teoria da variação laboviana ou socio-lingüística quantitativa, que prevê regras variáveis cuja aplicação é determinada por probabilidades diversas decorrentes de condicionamentos lingüísticos e/ou sociais. Além disso, segundo a teoria, a variação é vista em função do tempo, o estágio e a direção da mudança sendo captados pelos índices de aplicação da regra nos contextos lingüísticos e sociais, através de um tempo aparente fornecido pelo uso da geração mais velha e o da mais nova.

Foram analisadas 4.310 ocorrências dos grafemas *e* e *o* na sílaba pretônica de 1.729 itens lexicais, registrados em 18 informantes, 9 de cada sexo, distribuídos por 3 faixas etárias (25-35, 36-50, 51 em diante) e três áreas geográficas de residência (Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana), dentro do *corpus* do Projeto NURC. Das 4.310 ocorrências, 2.133 são da vogal oral *e*, 1.213 da vogal oral *o*, 538 da vogal nasal *ẽ* e 276 da nasal posterior *õ*, 150 de ditongos.

As variáveis extralingüísticas consideradas foram sexo, faixa etária e zona de residência. As variáveis estruturais foram (1) o tipo de vogal (oral anterior e posterior, nasal anterior e posterior, ditongo), (2) distância em relação à tônica (distância 1 a 4), (3) tipo do segmento tônico (alta não-homorgânica, baixa, média, ditongo), (4) tipo de pretônica subsequente (mesmos fatores anteriores e mais ausência de segmento, a depender da distância entre a tônica e a vogal analisada), (5) tipo de atonicidade (átone permanente, átone casual, etc.), (6) tipo do segmento se-

Dinah Callou, Yonne Leite, Lillian Coutinho. Professoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadoras-Bolsistas do CNPq.

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no III Congresso Nacional de Fonética e Fonologia (João Pessoa, set. 1988).

guinte e estrutura silábica, (7) tipo de segmento precedente e estrutura silábica, (8) estrutura da palavra (sufixos derivativos e ausência de sufixos) e (9) tipo de vogal tônica na palavra base.

Para a quantificação dos dados, submetemos o *corpus* ao programa computacional VARBRUL 2S, de autoria de David Sankoff. Esse programa, além de calcular as probabilidades dos fatores de cada variável, apresenta uma seleção estatística. Tal seleção ocorre inicialmente em função de um valor estatístico denominado nível de significância, que deve ser igual ou menor que 0.05. Um nível de significância 0.0 é considerado ideal. Nos índices probabilísticos, o índice 0.50 é considerado o ponto neutro: quando maior que 0.50 há um favorecimento para a aplicação da regra, quando inferior, um desfavorecimento. Na preparação dos dados de entrada para o VARBRUL 2S, utilizamos o programa SWAMINC, desenvolvido por A. Naro (1980).

## 2 - ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS

Examinando-se o Quadro 1 abaixo, que apresenta os percentuais de elevação das vogais orais e nasais, verificamos, em primeiro lugar, um índice muito baixo de aplicação da regra: .322.

QUADRO 1

	freqüência	probabilidade
geral	32%	.322
e	32%	.317
o	29%	.312
ẽ	58%	.588
õ	15%	.190

Esse índice diminui ainda mais se eliminarmos aplicações quase categóricas do tipo *es* → *is* (especial → ispecial, desfile → disfile); *ẽ* → *ĩ* (então → intão); vogal em hiato (duença, rechiado), passando a probabilidade de .322 para .169. Devido ao baixo percentual de aplicação da regra da vogal nasal posterior, em relação à anterior, deixamos de lado o tratamento das nasais, limitando a análise aos casos de elevação da vogal oral.

Dada a exigüidade de tempo, nesta comunicação apresentaremos apenas as variáveis intralingüísticas que mostraram significância no programa.

Para a vogal anterior, a única variável com significância 0.0 foi a presença de vogal tônica alta (homorgânica ou não), conforme se vê no Quadro 2:

QUADRO 2

tipo de vogal	freqüência	probabilidade
alta homorgân.	41.69%	.763
alta não-hom.	35.00%	.713
baixa	13.29%	.415
média	9.65%	.331

Já para a vogal posterior, a variável modo de articulação é a que apresenta significância 0.0, como demonstra o Quadro 3:

QUADRO 3

qualidade do segmento	freqüência	probabilidade
oclusiva	51.47%	.892
fricativa	13.16%	.642
nasal	18.18%	.635
grupo conson.	16.67%	.610
vibrante	11.76%	.510
lateral	2.94%	.192
vogal	2.86%	.187

Outra variável que isoladamente se mostrou significativa para a elevação da vogal posterior foi o ponto de articulação do segmento precedente (Quadro 4):

QUADRO 4

velar	.818
labial	.782
alv.	.527

Como se pode ver, a elevação das vogais médias obedece a fatores diferenciados que distinguem o comportamento da vogal anterior do da vogal posterior. A presença de uma vogal tônica alta para a elevação da

vogal posterior tem significância de 0.000, sendo que a vogal não-homorgânica [i] é um fator condicionador de maior relevância (.736) que a vogal homorgânica [u] - (.443). Assim sendo, só se pode falar de uma harmonização vocálica, isto é, uma mudança de timbre de vogal determinada pelo timbre de outra vogal, no caso da vogal anterior. No caso das vogais posteriores a elevação é determinada primordialmente por ajustamento ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da vogal tônica, ressaltando-se, mais uma vez, que a vogal [i] é um condicionador mais provável do que a vogal posterior [u].

As variáveis sociais não se mostraram significativas. Vale observar, porém, que (a) o alteamento é um pouco mais freqüente na faixa 3 (Quadro 5) e (b) que os homens alteiam mais que as mulheres e os locutores da Zona Sul mais que os da Zona Suburbana e os da Zona Norte. Têm-se, assim, uma curva ligeiramente descendente, determinada pelo fator idade, o que é indicativo de tendência a diminuição de emprego da regra.

QUADRO 5

faixa et.	1 (25-35)	Prob.
	2 (36-50)	.435
	3 (51 - )	.491
sexo	M	.574
	F	.552
zona res.	ZS	.448
	ZN	.543
	SUB	.452
		.499

Os resultados quantitativos apresentados nesta seção sobre a elevação das vogais pretônicas coincidem em suas linhas gerais com os encontrados por Bisol (1981) para o falar gaúcho e Viegas (1987) para o dialeto de Belo Horizonte. O que surpreende em nossos dados é a ocorrência de abaixamento em ambientes não relatados nos estudos já realizados sobre o falar carioca.

### 3 - ABAIXAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS

A probabilidade de abaixamento é pouco significativa: seu percentual é de apenas 5% e o índice probabilístico de 0.049. Nas descrições do dialeto carioca encontram-se referências à ocorrência de vogais médias baixas em posição pretônica em casos bem restritos: (1) quando se acres-

centa a uma palavra que tenha a vogal média baixa tônica os sufixos diminutivos -(z)inho(a) ou os de superlativo -íssimo, érrimo, etc., ou ainda o formador de advérbio -mente e (2) por harmonização vocálica a uma vogal tônica baixa (remete, Pelé, bolota, etc.).

Efetivamente, em nossos dados, o fato de a vogal da palavra básica ser tônica baixa e o acréscimo dos sufixos listados acima é, comparativamente falando, o fator mais inibidor para o seu alteamento: das 137 ocorrências de vogais baixas pretônicas, 40 se encontram naquele contexto. E, embora não se tenha feito uma codificação específica, exemplos como entr[ɔ]samento, r[ɛ]lações podem ser explicados pela presença de uma vogal baixa contígua e outros como r[ɛ]lógio, d[ɔ]méstico, t[ɔ]mava, n[ɛ]gócio pela presença de uma vogal baixa na sílaba acentuada. Há, assim, uma distribuição complementar dos ambientes da regra de elevação e de abaixamento. A ser verdadeira essa hipótese, o que poderia estar acontecendo seria uma simplificação da regra de harmonização vocálica, simplificação essa que seria expressa pela substituição do traço [+alto] na descrição da mudança ocorrida e no ambiente de aplicação pelo símbolo de coincidência de traços [α].

Casos, porém, como d[ɛ]rrubam, fev[ɛ]reiro, H[ɛ]lena, p[ɛ]rcebeu não se explicam pelos fatores explicitados acima, já que não são palavras derivadas de uma forma básica com vogal aberta, nem têm uma vogal adjacente ou tônica baixa. Talvez seja a presença de uma líquida que acarrete o abaixamento.

Esse abaixamento das pretônicas foi correlacionado no dialeto baiano à extensão da intensidade da sílaba tônica para a sílaba pretônica, isto é, a uma questão de ritmo, que seria uma idiossincrasia daquele falar. Segundo Passos e Passos (1948),

“A atuação do processo de abaixamento nas sílabas pretônicas do português da Bahia acarreta uma modificação do padrão melódico neutro da palavra proposto acima. A vogal aberta, por exigir um tempo mais longo para sua enunciação, aumenta o grau de força da emissão, tornando a sílaba mais percebida e o ritmo mais silábico.”

Embora essa explicação seja bastante atraente, não nos foi possível testá-la factualmente, por não termos trabalhado ainda com os fatores prosódicos. Além disso, as ocorrências das vogais baixas estão inseridas numa emissão rápida e não isolada, tornando extremamente difícil a audição de um maior volume ou maior altura em comparação com a emissão em que se encontram as vogais médias ou altas. Não foi possível ainda, portanto, determinar se o abaixamento se deve a um ritmo silábico e a elevação a um ritmo acentual, o que seria indicativo de um ritmo misto acentual/silábico no dialeto carioca.

Os fatores extralingüísticos, como no caso do alteamento, não se mostraram significativos. Mesmo assim, convém assinalar que a variável faixa etária apresenta um padrão curvilíneo, jovens e velhos com índices mais altos que os locutores da faixa média, curva essa característica de uma mudança estável, como demonstra o Quadro 6.

QUADRO 6

25-35	36-50	51-	ZN	ZS	SUB	M	F
.543	.342	.617	.393	.536	.572	.584	.416

Convém observar que as três possibilidades de variação ocorrem apenas em três palavras (comer, realmente, melhor), a variação baixa e média em 18 itens lexicais, não ocorrendo a variação baixa e alta num mesmo item lexical.

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A regra de elevação da vogal pretônica ocorre desde pelo menos o século XV e seu índice de aplicação é até hoje baixo nos dialetos já estudados do português do Brasil. Vimos que a probabilidade de elevação para o dialeto do Rio de Janeiro é de 0.362 e a de manutenção 0.678. A conclusão a que se pode chegar é a de que se trata de um processo estável e, embora as variáveis sociais não se tenham mostrado significativas, o uso nas faixas etárias e em homens e mulheres assinala uma curva descendente: homens e velhos usando mais a regra e jovens e mulheres, menos. Não há, portanto, qualquer indício de progressão da regra, mas antes de possível perda de produtividade.

Seria lícito indagar por que esse processo que teve plena realização no português de Portugal inibiu-se no do Brasil. Talvez a resposta esteja na tendência fonética ou nas tendências articulatório-acústicas encontradas nos sistemas resultantes do processo de neutralização da pretônica.

Segundo o estudo espectrográfico feito por Maria Alzira Nobre e Frances Ingemann (1987), a média da frequência de F1 das vogais pretônicas está num ponto intermediário das vogais adjacentes, o que corresponde a um abaixamento das vogais altas e elevação das vogais baixas. A média das frequências de F2 das vogais pretônicas indica tendências centralizantes, as vogais posteriores exibindo maior centralização do que [e]. No entanto, o F2 de [i] tem quase a mesma frequência de sua contraparte acentuada. Uma vez que F2 e F1 se correlacionam bem com a posteriorização, parece que, se há posteriorização de [i], esta é pequena. Segundo

as mesmas autoras, o ponto do movimento seria em direção a um pólo situado na área média superior.

Para o português de Portugal, segundo Mira Mateus (1982, p.214), a direção do movimento é para o alteamento e centralização das vogais átonas. Embora a afirmação aqui feita não esteja baseada em um estudo espectrográfico específico, o esquema apresentado por Mira Mateus sugere que o movimento seria em direção a um pólo localizado na região central superior.

Assim, a não-implementação da regra de elevação vocálica do português do Brasil se deveria à própria natureza articulatória e acústica das vogais pretônicas. A ocorrência de vogais baixas no dialeto carioca seria um outro indicativo dessa tendência ao abaixamento das vogais inacentuadas.

Outra questão que pode ser aventada nos trabalhos sobre harmonização vocálica é a da difusão lexical, algumas palavras propiciando a mudança, outras não. Desde o clássico artigo de Wang (1969), o qual aborda os caminhos que uma regra percorre no léxico de uma língua – sua trajetória podendo ser interrompida pela ação de outra regra em progresso e com ela colidente – tornou-se comum estudar a ação da estruturação e uso do léxico divergentes e exceções. A frequência lexical tem sido apontada como um fator que propicia a aplicação de regras (Philips, 1984). Viegas (1987), ao mostrar a impossibilidade de sistematizar alguns itens, invoca a máxima de Gilliéron: “cada palavra tem sua própria história”(s.d.) Infelizmente, não pudemos ainda realizar a quantificação necessária para verificarmos a significância da difusão lexical para a implementação ou inibição deste processo conhecido como harmonização vocálica. Fica bem claro, porém, em nossos dados, que a grande maioria dos itens nunca varia, um pequeno percentual admite duas realizações e um número diminuto (3 itens) admite a tripla variação (alta, média e baixa).

Para finalizar, gostaríamos de assinalar que é extremamente difícil com os dados disponíveis decidir se alteamento e abaixamento constituem inovação ou conservação. Falou-se até aqui em regra de abaixamento, partindo-se do pressuposto de que a forma básica histórica é /e/, a harmonização sendo de alteamento  $e \rightarrow i$  e a ocorrência de vogais baixas indicando uma simplificação da regra, isto é, uma inovação. Outra interpretação possível, calcada também em dados históricos e corroborada pelo fato de ter sido anotada de preferência em pessoas mais velhas, seria interpretar a ocorrência de vogais baixas como uma manutenção, o processo histórico sendo  $e \rightarrow e \rightarrow i$ .

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NARO, A. & VOTRE, S. *SWAVA: Sistema SWAMINC/VARBRUL*; manual do usuário. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. Mimeo.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica*. Tese (doutorado em Letras) – Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Mimeo.
- VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento das vogais pretônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Belo Horizonte: UFMG, 1987. Mimeo.
- PASSOS, Claiz & PASSOS, Emiliana. O auto-segmento tonal em português. *Estudos lingüísticos e literários*, UFBA, v.1, p. 67-80, 1984.
- NOBRE, Maria Alzira & INGEMANN, Frances. Oral vowel reduction in Brazilian Portuguese. In: CHANNON, R. & SHOCKEY, L. (Eds.). *In honour of Ilse Lehiste*: 195-206. Holland: Foris, 1987.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: INIC, 1982.
- WANG, William S-Y. Competing sound changes as a cause of residue. *Language*, Baltimore, v.45, n.1, p. 9-25, 1969.
- PHILLIPS, Betty. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, Baltimore, v. 60, n. 2, p. 286-19, 1984.